

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
Departamento de Comunicação Social  
Graduação em Comunicação Social – Jornalismo**

**NARRATIVAS FEMININAS:  
COSTUMES, VIVÊNCIAS E MUDANÇAS NOS ANOS 1950 a 1970**

**Karina Juliana Francisco  
Marina Marques Debrino**

**BAURU  
NOVEMBRO/2019**

**KARINA JULIANA FRANCISCO  
MARINA MARQUES DEBRINO**

**NARRATIVAS FEMININAS:  
COSTUMES, VIVÊNCIAS E MUDANÇAS NOS ANOS 1950 A 1970**

Projeto Experimental de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual Paulista –  
Unesp como exigência parcial para a obtenção  
do título de Bacharel em Comunicação Social –  
Jornalismo. Orientação: Profa. Dra. Suely Maciel.

**BAURU  
NOVEMBRO/2019**

**KARINA JULIANA FRANCISCO  
MARINA MARQUES DEBRINO**

**NARRATIVAS FEMININAS:  
COSTUMES, VIVÊNCIAS E MUDANÇAS NOS ANOS 1950 A 1970**

Projeto Experimental de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual Paulista –  
Unesp como exigência parcial para a obtenção  
do título de Bacharel em Comunicação Social –  
Jornalismo. Orientação: Profa. Dra. Suely Maciel.

Bauru, 28 de Outubro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.a Dra. Ana Beatriz Pereira de Andrade  
Membro da Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Denis Porto Renó  
Membro da Banca Examinadora

---

Prof.a Dr.a Suely Maciel  
Membro da Banca Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pela oportunidade concedida e todos os anos de graduação, com intensos aprendizados tanto na área do jornalismo como em vivências.

Agradecemos à nossa orientadora, Suely Maciel, por tornar este trabalho melhor e refiná-lo. E também a todos os professores e servidores da Unesp, pelos ensinamentos e auxílios dentro dessa instituição brilhante e competente.

Agradecemos às nossas entrevistadas Dirce, Conceição, Alice, Ana e Lidia pela confiança e carinho ao conceder suas maravilhosas histórias de vida e nos permitirem contar um pouco desta trajetória. E também às especialistas Lidia Possas e Larissa Pelúcio pelas explicações e contribuições ao nosso trabalho.

Pessoalmente, eu, Karina Francisco, agradeço a todos os amigos que compartilharam comigo esses anos de felicidade e amadurecimento: Sofia Hermoso, Amanda Casagrande, Mariana Cajado, Mariane Tognoli, Matheus Araújo e especialmente Marina Debrino, com quem compartilhei esta jornada maravilhosa no projeto inspirado nas mulheres de nossa vida.

À minha família: meus pais, Marta e José Carlos, pelo apoio e financiamento todos esses anos em que pude me aprofundar na experiência do ensino superior; especialmente minha avó Elvira, inspiração para este projeto; e minha irmã, Nathalia, eterna apoiadora de minhas ideias e sonhos.

A meus fiéis amigos Tomás Campos, Carlos Córdoba, Bruno Vilela de Faria, companheiros de diversões e compromissos.

E eu, Marina Debrino, agradeço à minha família pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim. Principalmente, às minhas avós, Clea e Jacyra, por todo cuidado e atenção que vocês me entregaram. Se hoje esse projeto busca contar a história de mulheres comuns com histórias incríveis, é porque eu cresci cercada de mulheres muito semelhantes. Aos meus pais, Reginaldo e Nádia, por todo o incentivo e suporte para me tornar uma boa profissional. E aos meus irmãos, Lívia e Pedro, pelo carinho e cuidado de sempre. Vocês me tornaram uma pessoa melhor.

A todos os meus amigos da faculdade, em especial, Amanda Casagrande, Karina Francisco, Mariana Cajado, Mariane Tognoli, Matheus Araújo, Sofia Hermoso e Thábata Camargo que dividiram a graduação e cresceram ao longo desses quatro

anos comigo. Vocês são a razão da faculdade ter sido tão especial e tão boa de se viver quanto foi. Obrigada por tudo!

**“A melhor maneira de cultivarmos a coragem nas  
nossas filhas e em outras jovens é sendo um exemplo.  
Se elas virem as suas mães e outras mulheres nas suas vidas  
seguirem em frente apesar do medo, elas vão saber que é possível.”  
- Gloria Steinem**

## RESUMO

O produto *Narrativas Femininas: costumes, vivências e mudanças nos anos 1950 a 1970* é um documentário em vídeo que traz quatro perfis de mulheres que viveram um período de intensas transformações sociais, culturais, políticas e comportamentais na região de Bauru, interior de São Paulo. A proposta é recuperar e narrar as suas histórias, trazendo os desafios e conflitos que enfrentaram para viverem suas escolhas, bem como documentar a visão singular de cada uma delas sobre a forma como viveram questões relativas ao matrimônio, à família e à profissão. Dessa maneira, o documentário busca contribuir para a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, sua independência e autonomia, tanto naquela época quanto atualmente, além de se constituir como um espaço de efetivação dos conhecimentos teóricos e técnicos adquiridos durante a graduação em Jornalismo.

**Palavras-chave:** documentário; Bauru; mulheres; jornalismo audiovisual; história social; feminismo

## ABSTRACT

“Narrativas Femininas: costumes, vivências e mudanças no anos 1950 a 1970” is a video documentary featuring four profiles of women who have experienced a period of intense social, cultural, political and behavioral change in Bauru and in the surrounding cities. The proposal is to retrieve and tell their stories, bringing the challenges and conflicts that their choices have brought to their lives, as well as documenting their personal view of how they balanced marriage, family and profession issues. Therefore bringing reflections about women’s role in society, their independence and autonomy, that past time and nowadays. It is also a space to contribute to effect the theoretical and technical knowledge acquired during the graduation in journalism college.

**Key words:** documentary; Bauru; women; history

O documentário *Narrativas Femininas*, produzido  
como  
Trabalho de Conclusão de Curso, pode ser  
acessado no endereço  
<https://youtu.be/sxGZ4kkNjHI>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Tema e Definição.....	10
1.2 Objetivos .....	11
1.3 Justificativa.....	12
2. CONTEXTO SOCIOCULTURAL E A REALIDADE DAS MULHERES NO BRASIL (DÉCADAS 1950 A 1970) .....	14
3. GÊNERO E FORMATO .....	16
3.1 Gênero Documentário.....	16
3.2 Modos de Produção.....	18
3.3. Técnicas de Entrevista.....	19
4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO .....	21
4.1. Diário de Campo .....	21
4.2. Pré entrevistas.....	24
4.3 Pautas.....	25
4.3.1. Pautas Fontes Primárias.....	25
4.3.2. Pautas Fontes Secundárias.....	29
4.4. Cronograma de entrevistas.....	31
4.5. Estrutura do documentário.....	31
4.6. Imagem e Som.....	32
4.7. Equipamentos .....	34
4.8. Custos do projeto.....	34
4.9. Cronograma de execução.....	35
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	36
5.1. Público-alvo .....	36
5.2. Trilha Sonora.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7. REFERÊNCIAS .....	39
8. ANEXOS.....	40

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 .....	15
Imagem 2 .....	16
Imagem 3 .....	33

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Tema e Definição

A ideia do documentário surgiu a partir da vontade de contar histórias cotidianas de mulheres comuns, mas especiais pelos pequenos enfrentamentos que travaram ao longo de suas vidas. A inspiração para a produção veio de nossas avós, que, assim como nossas entrevistadas, precisaram se adaptar a uma sociedade que, a partir da segunda metade do século XX, vivia mudanças sociais, políticas, culturais, econômicas e de comportamento. De acordo com Lídia Possas (2019), as que viveram esse contexto

Eram mulheres que, dependendo da classe social que viviam, eram mulheres educadas para serem esposas, para serem mulheres prendadas. Isso a partir dos anos 50 começa a mudar, no Brasil, na América Latina. Elas começaram a ter acesso, elas começam a estudar. Porque as mulheres casavam muito cedo, tinham praticamente 18, 19 anos. Casavam e o sonho era o casamento, vestido de noiva, marido. Eu acho importante isso, preparação para a vida de doméstica, a vida do lar. O sonho da mulher até os anos 60 é ser a rainha do lar.

Com o trabalho, buscamos compreender como algumas mulheres assumiram a vanguarda dessas mudanças, quais eram as necessidades de uma mulher naquele período e quais eram as transformações por elas vividas. Para tanto, escolhemos contar a história de quatro mulheres moradoras da região de Bauru, tendo como norte algumas temáticas importantes no período de 1950 a 1970. Os quatro temas principais que permeiam todo o documentário são: trabalho, estudo, casamento e família.

Um questionamento que procuramos retratar no produto é qual foi, qual é e qual poderá ser o lugar das mulheres. E, para isso, o documentário busca apresentar narrativas e exemplos de mulheres que foram à frente de seu tempo, mas de uma maneira que se assemelha à de Del Priori (1997: 9):

Não nos interessa, aqui, fazer uma história que apenas conte a saga de heroínas ou de mártires: isto seria de um terrível anacronismo. Trata-se, sim, de focar as mulheres através das tensões e das contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas.

As personagens que contam suas histórias em *Narrativas Femininas* são: a costureira e estilista Dirce Brunatti, de 85 anos; a empresária, dona da antiga loja de móveis Locato Conceição Locato, de 90 anos, a enfermeira e cuidadora de idosos Alice de Oliveira, com 73 anos, e a professora Ana Maria Guedes, de 71 anos. A proposta é recuperar a vivência dessas mulheres, por meio de suas memórias, e revelar o que há de singular na trajetória de cada uma delas.

A produção é um documentário de representação social (NICHOLS, 2016) e tem duração de 27 minutos. Ele traz depoimentos das perfiladas, análises de especialistas e rica seleção de imagens recuperadas de acervos pessoais e públicos. Ele será publicado no blog 50emails, da jornalista Maya Santana, criado em 2010, que ela mesma descreve como um blog que tem a: “preocupação de oferecer informações de qualidade e compor um ambiente de reflexão sobre o impacto do tempo nas nossas vidas. O 50emails representa um generoso espaço de discussão sobre a vida adulta, com uma abordagem inovadora e desprovida de preconceitos”. O endereço digital é [www.50emails.com.br](http://www.50emails.com.br).

Com isso, a proposta é atingir majoritariamente o público do blog, formado por mulheres de 40 a 50 anos de classe média, mas isso não impede que seja consumido por qualquer pessoa que se interesse pela temática.

## **1.2. Objetivos**

Objetivos Gerais:

- Contribuir para a discussão sobre padrão de comportamento e igualdade de gênero, contando histórias de mulheres que viveram experiências relativamente transgressoras em relação aos papéis sociais e culturais vigentes na sociedade brasileira entre 1950 e 1970, especialmente na cidade de Bauru, quando ainda eram jovens e assim aprofundar os conhecimentos jornalísticos sobre audiovisual, adquiridos ao longo do curso de graduação, por meio da produção de um documentário.

Objetivos Específicos:

- Buscar e analisar documentos sobre a história da cidade, seus costumes, hábitos, imposições e regras sociais;
- Produzir conteúdo jornalístico composto por perfis de mulheres;
- Desenvolver as etapas de produção audiovisual em jornalismo, incluindo realização de entrevistas e pesquisa, captação de imagens, roteirização, produção e edição de vídeo.

### **1.3. Justificativa**

O documentário *Narrativas Femininas: costumes, vivências e mudanças nos anos 1950 a 1970*, voltado para histórias de mulheres comuns, tem a intenção de contribuir para a discussão da função da mulher na sociedade e mostrar como, em poucas décadas, a sociedade tem mudado seus paradigmas, graças não só ao movimento feminista, mas a pequenas atitudes cotidianas tomadas por mulheres que vão de encontro a determinados padrões. Entre os modelos socioculturais e comportamentais, os quais são mais ou menos rígidos e/ou comuns, dependendo da época, podem ser citados a idade média para se casar, o trabalho fora de casa, a igualdade de salários entre os gêneros, o acesso ao estudo e a escolha entre trabalho externo ou trabalho doméstico. Queremos mostrar, como é uma das funções de um documentário (NICHOLS, 2016), a História não documentada nos livros e as figurantes por trás de toda manifestação do movimento social, que lutam diariamente para serem ouvidas, que sentem a necessidade constante de se provarem capazes. Pretendemos construir um recorte desta época para refletir sobre como viveram estas mulheres enquanto as mudanças sociais aconteciam.

As mulheres entrevistadas viveram sua juventude há não muito tempo, mas as mudanças de comportamentos e hábitos considerados adequados tiveram significativas transformações desde então (POSSAS, 2019). A necessidade de ganhar dinheiro, a ambição por melhorar de vida, a situação mundial do pós-Segunda Guerra e a abertura dos paradigmas fez com que as mulheres cada vez mais saíssem de casa para estudar e trabalhar tanto quanto seus maridos, mas sempre conectadas com suas funções domésticas.

Lidia Possas (2019), explica que, há poucas décadas, mulheres eram educadas para serem donas-de-casa e mães, já que não cabia ao homem nenhuma dessas funções. É fácil verificar esses costumes em comerciais e revistas voltadas ao

público feminino até meados do século passado, como a *Lady Home's Journal* e *Good Housekeeping*, cujos títulos já são bem sugestivos sobre o público feminino do período.

Segundo o código de ética da profissão, é função do jornalismo relatar essas mudanças, interpretá-las e mostrá-las ao grande público. É dever do jornalismo representar com empatia e respeito a realidade das pessoas em sua volta. É por isso que escolhemos o gênero documentário, o qual permite sensibilidade e subjetividade ao se tratar do tema, além de representar uma realidade de acordo com a memória do outro. (NICHOLS, 2016)

Também é de interesse público a denúncia e o reconhecimento dos problemas e preconceitos sociais, bem como o alerta para a necessidade de superá-los. Isso é possível por meio da informação, da educação e do respeito aos direitos. Nós contribuimos compartilhando as informações que até hoje não foram notadas ou não foram classificadas como relevantes. A história dessas mulheres é extremamente importante para se ter um entendimento da real relação entre a mulher e a sociedade, um tema que só começou a ser discutido abertamente a partir dos anos 1960.

Para o contato com as fontes e a obtenção de suas narrativas, elegemos o método de entrevista empregado na História Oral (Meihy, 2005), pela liberdade que se dá ao entrevistado e à sua construção do relato, sem grandes interferências do entrevistador. Uma relação de intimidade, confiança e atenção é fundamental para a construção de um perfil, daí a necessidade de uma postura diferenciada entre os participantes da entrevista (MEIHY, 2005), o que justifica a escolha desse processo como base para a elaboração do documentário.

Para retratar a realidade do outro é preciso responsabilidade e respeito. O jornalismo em sua função mais primordial e simples deve contar histórias. Isso porque julga que essas histórias devem ser ouvidas por uma comunidade maior, pois acredita que elas contribuem para o crescimento e o desenvolvimento social. E é isso a que o documentário *Narrativas Femininas* se propõe: buscar um outro olhar e transformar opiniões preestabelecidas.

## 2.CONTEXTO SOCIOCULTURAL E A REALIDADE DAS MULHERES NO BRASIL (DÉCADAS 1950 A 1970)

Entre os anos de 1950 e 1970, Bauru era “uma cidade pulsante de gente e inovações” (POSSAS, 2019). Com as ferrovias Noroeste e Sorocabana cruzando a cidade, ela se tornou um importante polo econômico da região centro-oeste paulista, atraindo muitos visitantes e novos moradores.

A historiadora Lidia Possas (2019) conta que, em locais públicos, a presença da mulher era regulada, pois as vontades de seus maridos deviam ser cumpridas. Essa ordem fez com que se criassem barreiras relativas à profissão e ao comportamento feminino, sem falar em determinadas convenções, que restringiram o espaço da mulher na sociedade. De acordo com Soihet (1997: 304)

Convergiam as preocupações para a organização da família e de uma classe dirigente sólida – respeitosa das leis, costumes, regras e convenções. Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos.

Para entendermos a posição das mulheres no Brasil, é preciso reconhecermos, como Mary Del Priori (1997: 7) deixa explícito, que:

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

Assim, uma série de comportamentos femininos eram esperados e desejados. Apesar disso, resistências a esses padrões foram sendo paulatinamente erguidas e formas de atuação no meio social foram se consolidando. Já nos anos 1950, encontramos mulheres independentes, que tinham o poder da escolha e ignoravam os rumores que causavam por causa de suas atitudes pouco convencionais para a época. Mulheres que saem de casa para trabalhar, que ganhavam mais que seus maridos, que casavam mais tardiamente que o comum, que construíam carreiras profissionais, até mesmo na política, que ocupavam cadeiras nas universidades e não se preocuparam tão cedo com casamento e maternidade.

Como é possível ver nas pesquisas de Beltrão e Alves (2009) e de Querino, Domingues e Luz (2013), a realidade da mulher na educação e no trabalho mudou ao longo do século passado, especialmente entre 1960 e 1990, com reflexos mais nítidos nas décadas seguintes.

A imagem abaixo, levantamento retirado do trabalho de Querino, Domingues e Luz (2013), mostra, por exemplo, a baixa presença da mulher entre a população economicamente ativa (PEA) até o início dos anos 1990, mas o seu crescimento significativo depois disso, quando comparado com o da população masculina.

**Tabela 1**

**Mulheres e homens no mercado de trabalho:  
indicadores de participação econômica – Brasil**

<b>Sexo e datas</b>	<b>PEA (Milhões)</b>	<b>Taxas de atividade</b>	<b>Porcentagem na PEA</b>
<b>Mulheres</b>			
1990	22,9	39,2	35,5
1993	28,1	47,0	39,6
1995	30,0	48,1	40,4
1998	31,3	47,6	40,7
<b>Homens</b>			
1990	41,6	75,3	64,5
1993	42,9	76,0	60,4
1995	44,2	75,3	59,6
1998	45,6	73,6	59,3

Fonte: FIBGE, PNAD.

Imagem 1: Dados FIBGE, PNADs, indicações de participação econômica (QUERINO, DOMINGUES E LUZ, 2013)

No âmbito escolar, é perceptível o avanço na conquista por espaço social. As mulheres terminam o período analisado em maioria dentro das escolas, como se pode ver na imagem:

GRÁFICO I

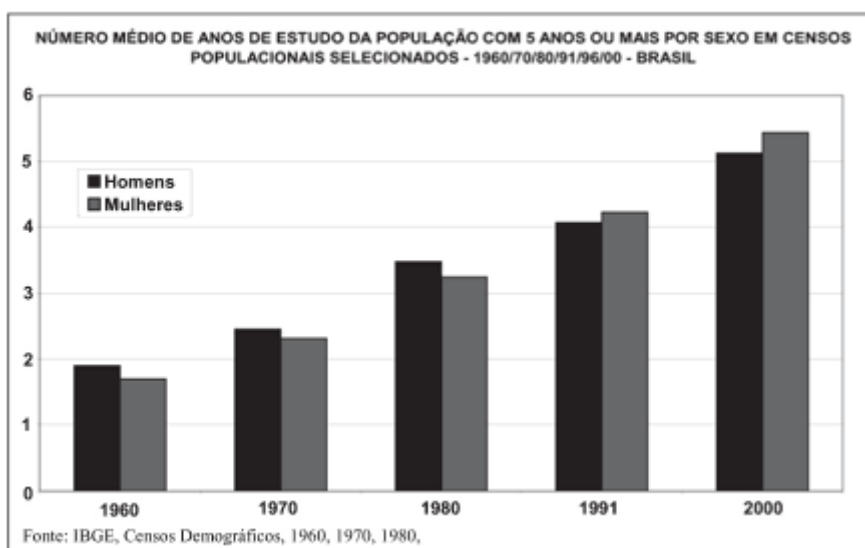


Imagem 2: Comparação do censo IBGE 1960 a 2000, sobre anos de estudo da população dividida por sexo. (BELTRÃO e ALVES, 2009)

### 3. GÊNERO E MODOS DE PRODUÇÃO

#### 3.1 Gênero Documentário

O gênero documentário foi escolhido para o projeto a partir da ideia de que as mulheres selecionadas como fontes primárias contassem a própria história. Como o documentário é composto por perfis, era importante registrar suas características marcantes. Através do documentário, seria possível registrar traços de personalidade essenciais ao projeto como, por exemplo, os trejeitos como a mulher conta a sua própria história, as oscilações no tom de voz ao lembrar de um fato marcante, os gestos e as expressões faciais.

Para Nichols (2010:30), os documentários são uma forma de representar o mundo histórico. É uma das muitas vozes no debate e, portanto, mostra uma visão singular do mundo. Tendo isso em vista, a proposta do documentário é recuperar a história desses perfis e mostrar como elas enxergam a própria história, que também é parte de um contexto amplo de transformação do papel da mulher na sociedade.

Vale ressaltar que, neste trabalho, baseamos a noção de gênero no que define Melo (2016: 44). De acordo com o autor, “os gêneros midiáticos se caracterizam, primordialmente, por serem uma ‘promessa de conteúdo’, ou de uma possibilidade de conteúdo, uma espécie de contrato previamente acordado entre emissor e receptor”. Ainda segundo Melo (2016: 46), os meios de comunicação organizam seus conteúdo em categorias funcionais que se reproduzem em gêneros. Os gêneros se subdividem

em outras formas de expressão com aspectos em comum, chamados de formatos. Neste trabalho, usaremos o termo “modos de produção” para especificar os formatos empregados na realização do documentário.

O gênero documentário não possui uma definição consensual entre estudiosos e realizadores. Por isso, para produzir *Narrativas Femininas*, tomamos como parâmetro os postulados de dois autores: Bill Nichols (2016) e Sérgio Puccini (2007; 2009; 2010). O primeiro afirma que todo filme é um documentário, mas que pode se dividir entre documentário de satisfação de desejos e documentário de representação social (NICHOLS, 2016: 26). No presente trabalho, optamos por adotar o documentário de representação social. Esse modo de produção apresenta um mundo que já se conhece, que se vive diariamente. De acordo com o Nichols (2016: 26)

Esses filmes representam de forma tangível um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta.

Já Puccini (2009: 177) afirma que o documentário é o resultado de um processo criativo marcado por várias etapas de seleção subjetivas do cineasta. “Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso” (PUCCINI, 2009: 177). Essa subjetividade, além de marcar o processo criativo da montagem, é também o que caracteriza o caráter autoral do gênero documentário. É na seleção de falas, na escolha das fontes e até na decisão de um tema que a voz do diretor do filme se faz presente (MELO, 2013). Tal caráter também foi o motivo da escolha do gênero para o trabalho, já que o tema era uma das maneiras de se pensar a questão. Buscamos uma forma de mostrar a singularidade com que nós analisamos a situação. Como explica Penafria (1999, *apud* Melo, 2013: 37),

cada seleção que se faz é uma expressão de um ponto de vista, quer esteja ou não consciente disso. Assim, a sucessão das imagens e sons, cujo resultado final é um documentário, tem como linha orientadora o ponto de vista adotado e encontra na criatividade do documentarista seu principal motor.

Encontramos, na definição dessas discussões, uma forma de estabelecer o que pensamos para o nosso próprio documentário. Buscamos, na ideia de representação social, trazer uma representação do real, isto é, recuperar a história de vida dessas mulheres de forma a propor uma reflexão acerca dos seus enfrentamentos, das suas dificuldades e do momento histórico pelo qual elas passavam. Porém, por meio dos

processos de seleção, procuramos também mostrar a nossa visão sobre o tema e o porquê da relevância de documentar a questão. Como afirma Penafria (1999, *apud* MELO, 2013: 36), “o documentário não é um filme vazado de qualquer implicação. Ele sempre se posicionou como um gênero em que o essencial é estimular uma reflexão sobre o mundo”.

### 3.2 Modos de Produção

Nas diferenças estabelecidas entre documentários e filmes de ficção que categorizam o primeiro como um gênero à parte está a noção de que um documentário não necessita exatamente de um roteiro prévio. Um documentarista pode realizar um filme partindo apenas de um argumento ou de uma hipótese (PUCCINI, 2016; NICHOLS, 2010).

O roteiro de um documentário pode surgir na etapa da pós-produção, valorizando assim a montagem, isto é, a seleção de falas, de trilha sonora, de conteúdo, que vão formar o que de fato será o documentário. Portanto, trabalha-se com a ideia de um roteiro aberto, com a possibilidade de eventuais mudanças (PUCCINI, 2016; 2009). Neste trabalho, utilizamos essa noção e estrutura de documentário que está descrita integralmente no item 4. A ideia é de que a montagem do documentário seja feita através de uma sequência de etapas de seleção. De acordo com Puccini (2010: 176),

No documentário, o trabalho de montagem muitas vezes se inicia sem nenhum roteiro pré-definido, o diretor possui apenas uma hipótese inicial, exposta em sua proposta de filmagem, que ocasionalmente vem a ser subvertida durante o processo de filmagem.

Para o documentário apresentado neste trabalho, nos baseamos na estrutura de montagem definida por Marcel Martin (1990, *apud* PUCCINI, 2016). Martin (1990, *apud* PUCCINI, 2016) define dois conceitos de montagem: a narrativa e a expressiva. A primeira conta os eventos de uma forma mais cronológica ou lógica para transcorrer a história que está sendo contada. Existe uma relação de causalidade entre os

eventos. A história progride do ponto de vista dramático por meio desta ordem cronológica dos fatos. Já a segunda montagem, a expressiva, busca produzir um efeito através do choque de imagens. Segundo o autor, “a montagem busca exprimir por si mesma um sentido ou uma ideia; já não é mais um meio, mas um fim” Martin (1990, *apud* PUCCINI, 2016: 179) defende ainda que não existe uma separação nítida entre as duas formas de montagem.

Ainda que a montagem expressiva seja usada em momentos do documentário, o modo de produção predominante neste trabalho foi a montagem narrativa. Em uma primeira etapa de seleção, as histórias de cada uma das mulheres foram colocadas em ordem cronológica, seguindo, muitas vezes, a sequência em que cada evento foi dito em entrevista. As etapas de seleção estão detalhadas no item 4.

### **3.3. Técnicas de Entrevista**

Este produto foi produzido a partir fundamentalmente da técnica da entrevista para a coleta de informações. O procedimento consiste em obter dados, informações, análises, relatos etc. a partir de fontes humanas. No caso do presente trabalho, as entrevistas foram presenciais e utilizaram duas metodologias relativamente similares, mas de campos distintos: uma essencialmente jornalística, discutida por Medina (1986), e outra desenvolvida dentro do método de pesquisa histórica conhecido como História Oral, discutida por Meihy (2005).

A entrevista em História Oral foi o procedimento utilizado no diálogo com as fontes principais do documentário. O detalhamento de procedimentos e o tratamento com o entrevistado que o método sugere são ideais para os objetivos deste produto, uma vez que se trata de um documentário feito de histórias de vida. Como afirma Meihy, “a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais” (MEIHY, 2005: 19)

A História Oral consiste em ser uma utilidade prática, pública e imediata. Dá a oportunidade de se contar outras histórias, além das que estão nos livros. “Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos” (MEIHY, 2005: 148)

A escolha dessa metodologia de entrevista está intrinsecamente conectada com a ideia de dar voz aos anônimos, pois:

É comum encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar. Isso se deve a uma característica de nossa sociedade, sempre aberta a celebrar certas pessoas e diminuir o papel das pessoas comuns. (MEIHY, 2005: 112)

Segundo Meihy, documentos oficiais, quando tratam dos grupos excluídos, falam sobre eles e nunca deles. Portanto, a proposta do presente trabalho dialoga com esse intento de inclusão social, um projeto de mulheres para mulheres, que pretende promover subjetividade humana e reavaliação de pressupostos, usando de uma entrevista de conexão, onde os processos usados são essencialmente ouvir o entrevistado, fazer perguntas amplas e em menor quantidade, para que ele possa se sentir confortável, nostálgico e aberto a contar sua história de vida da maneira como desejar. São justamente esses os parâmetros para a entrevista em História Oral (Meihy, 2005).

Para as entrevistas com fontes primárias, as testemunhas oculares da história contada, empregou-se, como já dito, o método de entrevista da História Oral. Mas há também as entrevistas com as fontes secundárias, as especialistas que analisam e recompõem a história dentro do contexto histórico. Para essas entrevistas, mais técnicas e que apresentam a sua visão das demais histórias contadas, foi mais adequado utilizar como parâmetro os princípios discutidos por Cremilda Medina (1986). Segundo a autora, a entrevista acontece como um diálogo, uma conversa simples e sincera. “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais” (MEDINA, 1986: 8).

#### 4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

##### 4.1. Diário de Campo – do zero ao documentário

A ideia do projeto nasceu pela necessidade de conhecer, na cidade de Bauru, mulheres que têm histórias para serem contadas. A cidade que, por quatro anos, abrigou a dupla de realizadoras desse documentário e onde elas estudaram e colocaram em prática todas as técnicas jornalísticas aprendidas na faculdade acabou se revelando um lugar especial para encontrar personagens. A ideia inicial era prestar

uma homenagem a nossas próprias avós, que, com histórias incríveis, revelam um pouco de como a sociedade foi mudando a maneira de enxergar a mulher, de estabelecer expectativas e moldar limites para sua atuação nas esferas privada e pública. O trabalho teve início com levantamento bibliográfico e documental que se concentrou em três aspectos: a função social da mulher, as teorias do documentário e as técnicas de entrevista.

Concomitantemente com essa etapa, demos início à busca pelas personagens do documentário. A pesquisa de campo foi utilizada para o contato com três das fontes e indicações de amigos e conhecidos foram fundamentais para encontrá-las. Já para contatar uma delas, pesquisou-se o site do *Jornal da Cidade* e o telefone dela foi obtido em contatos dentro da universidade.

Tentamos buscar fontes que se encaixassem dentro do perfil selecionado e que esses perfis fossem o mais diverso possível. Infelizmente, ao longo das indicações e da disponibilidade para a entrevista não conseguimos abarcar todos os recortes que gostaríamos como: cor, classe e sexualidade. Ressaltamos que o documentário aborda um recorte dentro da temática e que não é uma representação do todo. Existem diferentes realidades dentro de um mesmo tema e a nossa é apenas uma forma de retratar o assunto.

Antes da primeira aproximação, exploramos os potenciais das possíveis perfiladas com uma pré-entrevista, via WhatsApp, com as filhas delas. Essa sondagem levou em conta algumas características, para identificarmos o que havia de comum entre as fontes e se seria possível estabelecer algum liame entre elas. Pensamos nos focos das entrevistas, pois elas “representariam” muitas mulheres nas mesmas situações, e foi assim que chegamos às mulheres que integram o documentário *Narrativas Femininas*:

1 - Dirce Narcusso Brunatti, 85 anos: nasceu em Lucianópolis, passou infância e adolescência no sítio. Aprendeu a costurar com 15 anos e formou-se em corte e costura por correspondência. Se casou com 36 anos e foi para Bauru, se especializou em vestidos de noiva. Com seu atêlie dentro de casa, chegou a ganhar mais que o marido. Fazia compras de tecidos em SP sozinha. Sua freguesia era grande, quitou o financiamento da casa, comprou um terreno para uma casa maior, ajudou na compra de carros melhores e comprou mais dois terrenos para os filhos. Estudou até o quarto ano, pois era o que a cidade fornecia. Hoje tem 85 anos, é vizinha dos dois filhos,

mora sozinha e cozinha. Cuida das finanças, ainda costura para a família e como trabalho voluntário para o bazar da igreja, onde tem várias atividades. Está viúva desde 2009.

2 - Aparecida da Conceição Locato, 90 anos: nasceu em Itaju, no sítio, com 13 irmãos. Começou a trabalhar colhendo algodão aos 11 anos. Com 19, foi trabalhar em casa de família porque queria uma vida melhor. Três anos depois, foi para Bauru ser garçoneiro, sem nem ao menos saber o que era o serviço. Com o dinheiro das gorjetas, abriu uma lojinha de roupas, louças e armarinhos. Conseguiu trazer toda a família da roça para a cidade. Nunca foi para a escola. Mudou-se para Santo André (SP), onde conheceu o marido, e abriu uma loja lá do mesmo estilo. Voltou para Bauru após 2 anos, abriu uma loja de tecido que se transformou em uma loja de móveis de sucesso, e assim conseguiu comprar casa própria e ter imóveis para alugar. Como empresária, realizou o sonho de comprar uma casa na Rua Floresta e, não satisfeita, aumentou seu negócio até conseguir comprar um quarteirão de casas na mesma rua. Atualmente está com 90 anos.

3 - Francisca Alice de Oliveira, 73 anos: nasceu no Ceará e foi para a cidade de São Paulo quando criança. A família toda trabalhava na área da saúde e ela escolheu enfermagem como profissão, por amor. Trabalhou muitos anos no Hospital Samaritano e se dedicava muito. Na juventude, namorou muitos rapazes, diz que aproveitou bem a vida. Engravidou do noivo e teve que casar, mas amava o futuro marido. O marido a obrigou a parar de trabalhar fora, quando a primeira filha do casal nasceu, e assim Francisca permaneceu dona-de-casa por 30 anos. Após a falência da empresa em que o marido trabalhava, foram para Pederneiras, cidade da família dele. Ela se apaixonou pela cidade e até hoje vive lá. Mas sempre sentiu falta de trabalhar fora. Um dia flagrou seu marido com outra e decidiu se separar, pois também enfrentou abusos físicos dele. Com a separação, voltou a trabalhar como cuidadora de idosos, ganhando seu dinheiro. Conseguiu se aposentar, mas diz que nunca mais vai parar de trabalhar. Hoje tem liberdade e não quer mais saber de namorar.

4 - Ana Maria de Carvalho Guedes, 71 anos: Nascida em Tupã (SP), a professora veio para Bauru com apenas 6 anos, quando o pai foi convocado para trabalhar na contabilidade da Noroeste do Brasil. Decidiu, aos 11 anos, que seria professora. Fez

Letras Português/ Inglês na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e construiu carreira em diversas escolas públicas e particulares da cidade. Depois fez ainda faculdade de Pedagogia. Ana atuou também em cargos ligados à cultura e à educação. Foi a primeira coordenadora da Oficina Cultural Glauco Pinto de Moraes, instalada em 1990. É com alegria também que Ana Maria lembra os tempos de adolescência, dos típicos bailes dos anos dourados, e fala do seu engajamento político e do amor pela cidade que adotou de coração.

Além das personagens principais, o documentário também traz análises e depoimentos de especialistas que ajudam a contextualizar os relatos nos diferentes períodos histórico-sociais. Essas estão sendo chamadas por nós de fontes secundárias e são:

1 - Lidia Maria Viana Possas: Livre Docente em História, Relações de Gênero e Feminismos na América Latina, pós doutorado junto ao Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas e o do Instituto de Estudos de Gênero/ UFSC e Archivo Provincial de la Memoria em Córdoba/ Argentina. Realizou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo /USP(1999) e Mestrado em História (UNESP/Assis) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992). Possui Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense/UFF (1968), e Supervisão Escolar (1984), Estudos Sociais (1978) e Pedagogia (1980). Membro do Gender and Feminist Studies /LASA 2017-2019 e da Comissão Científica do Projeto Educando para a Diversidade /UNESP e Santander Universidades (2018) .

2 - Larissa Maués Pelúcio Silva: Livre-Docente em Estudos de Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas. Atua como professora de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (campus Bauru Departamento de Ciências Humanas FAAC), integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na mesma instituição (campus Marília). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizou Pós-doutorado na Université Paris 8 - Vincennes - Saint Denis. Suas pesquisas abordam temas como gênero, sexualidade, saúde, mídias digitais a partir de diálogos com a teoria queer, as epistemologias feministas e os Saberes subalternos. É autora do livro *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids e Discursos Fora da Ordem* (Annablume), este último em parceria com Richard Miskolci.

## **4.2. Pré entrevistas**

As pré entrevistas foram feitas em etapas. O primeiro passo foi pesquisar a história das fontes primárias (SCHMITZ, 2011), aquelas que seriam testemunhas e exemplos da representação buscada, e estudar cada caso para analisar se ele se encaixava na proposta do documentário. Aqui também foi feita a busca pelos especialistas que complementam a história, isto é, as fontes secundárias. Buscamos pelo currículo de cada um deles para ver se estavam adequados à proposta do projeto. Como já dito, a pesquisa se baseou em fontes documentais e indicação de amigos.

Esta fase foi de intensa pesquisa de campo e documental. Muitos conhecidos foram consultados para encontrar as potenciais fontes primárias.

Após a pesquisa, entramos em contato com as fontes virtualmente (e-mail, redes sociais e telefonemas) foi necessário que fosse feito desta forma, pois ambas as alunas não moravam mais em Bauru. Nesta etapa, conseguimos mais informações sobre a história das fontes, analisamos se a história de fato coincidia com a proposta do documentário e marcamos a entrevista presencial.

Os encontros presenciais foram realizados nas casas de cada uma das personagens. Para a realização das entrevistas, foram escolhidos cenários específicos, de preferência que favorecessem a captação do som e fornecessem luz adequada, já que apenas a luz natural foi utilizada. Antes de começar a entrevista geralmente havia a presença da família com álbuns de fotos para relembrar as histórias e depois as entrevistas eram gravadas apenas com a entrevistada. No caso de Aparecida Conceição Locato, sua filha acompanhou a entrevista toda, para estimular sua participação. Foram aproximadamente 10 horas de gravação bruta para ser editada, numa média de 1 hora e meia para cada entrevistada.

## **4.3. Pautas**

De acordo com o método de História Oral (Meihy, 2005), as entrevistas devem ser guiadas pelo entrevistado, portanto, a sequência de perguntas eram sucintas e gerais, de forma a apenas reativar a memória da entrevistada.

### **4.3.1. Pautas Fonte Primárias**

**RETRANCA:** Entrevista Fontes Primárias

**REPÓRTERES:** Karina Francisco e Marina Debrino

**FORMATO:** Perfil para documentário

**TEMA/ HISTÓRICO/ SINOPSE:** 1 - Dirce Narcusso Brunatti, 85 anos: nasceu em Lucianópolis, passou infância e adolescência no sítio. Aprendeu a costurar com 15 anos e formou-se em corte e costura por correspondência. Se casou com 36 anos e foi para Bauru, se especializou em vestidos de noiva. Com seu atêlie dentro de casa, chegou a ganhar mais que o marido. Fazia compras de tecidos em SP sozinha. Sua freguesia era grande, quitou o financiamento da casa, comprou um terreno para uma casa maior, ajudou na compra de carros melhores e comprou mais dois terrenos para os filhos. Estudou até o quarto ano, pois era o que a cidade fornecia. Hoje tem 85 anos, é vizinha dos dois filhos, mora sozinha e cozinha. Cuida das finanças, ainda costura para a família e como trabalho voluntário para o bazar da igreja, onde tem várias atividades. Está viúva desde 2009.

2 - Aparecida da Conceição Locato, 90 anos: nasceu em Itaju, no sítio, com 13 irmãos. Começou a trabalhar colhendo algodão aos 11 anos. Com 19, foi trabalhar em casa de família porque queria uma vida melhor. Três anos depois, foi para Bauru ser garçõete, sem nem ao menos saber o que era o serviço. Com o dinheiro das gorjetas, abriu uma lojinha de roupas, louças e armarinhos. Conseguiu trazer toda a família da roça para a cidade. Nunca foi para a escola. Mudou-se para Santo André (SP), onde conheceu o marido, e abriu uma loja lá do mesmo estilo. Voltou para Bauru após 2 anos, abriu uma loja de tecido que se transformou em uma loja de móveis de sucesso, e assim conseguiu comprar casa própria e ter imóveis para alugar. Como empresária, realizou o sonho de comprar uma casa na Rua Floresta e, não satisfeita, aumentou seu negócio até conseguir comprar um quarteirão de casas na mesma rua. Atualmente está com 90 anos.

3 - Ana Maria de Carvalho Guedes, 71 anos: Nascida em Tupã (SP), a professora veio para Bauru com apenas 6 anos, quando o pai foi convocado para trabalhar na contadoria da Noroeste do Brasil. Decidiu, aos 11 anos, que seria professora. Fez Letras Português/ Inglês na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e construiu carreira em diversas escolas públicas e particulares da cidade. Depois fez ainda faculdade de Pedagogia. Ana atuou também em cargos ligados à cultura e à educação. Foi a primeira coordenadora da Oficina Cultural Glauco Pinto de Moraes, instalada em 1990. É com alegria também que Ana Maria lembra os tempos de adolescência, dos típicos bailes dos anos dourados, e fala do seu engajamento político e do amor pela cidade que adotou de coração.

4 -Francisca Alice de Oliveira, 73 anos: nasceu no Ceará e foi para a cidade de São Paulo quando criança. A família toda trabalhava na área da saúde e ela escolheu enfermagem como profissão, por amor. Trabalhou muitos anos no Hospital Samaritano e se dedicava muito. Na juventude, namorou muitos rapazes, diz que aproveitou bem a vida. Engravidou do noivo e teve que casar, mas amava o futuro marido. O marido a obrigou a parar de trabalhar fora, quando a primeira filha do casal nasceu, e assim Francisca permaneceu dona-de-casa por 30 anos. Após a falência da empresa em que o marido trabalhava, foram para Pederneiras, cidade da família dele. Ela se apaixonou pela cidade e até hoje vive lá. Mas sempre sentiu falta de trabalhar fora. Um dia flagrou seu marido com outra e decidiu se separar, pois também enfrentou abusos físicos dele. Com a separação, voltou a trabalhar como cuidadora de idosos, ganhando seu dinheiro. Conseguiu se aposentar, mas diz que nunca mais vai parar de trabalhar. Hoje tem liberdade e não quer mais saber de namorar.

**ENFOQUE:** Dona Dirce representa as mulheres que trabalharam fora e contribuíram muito com a renda familiar sem deixar de ser tradicional. Os deveres da casa continuaram os mesmos e ela procurou por mais, foi ativa em sociedade e buscou melhorias para todos. Ainda hoje é independente. Buscar conectar sua história à ideia de resistência sutil das mulheres na década de 50 - as pequenas revoluções também são importantes e merecem ser contadas.

Dona Conceição representa as mulheres que trabalharam fora e são parte extremamente significativa na renda familiar, colaborando para a ascensão social e sucesso em empreendimentos da família. Tudo sem deixar as demandas da casa de lado. Enfoque na loja que construiu com o marido ao lado e na idade avançada. Ana fez curso superior num tempo de difícil acesso para mulheres. Participou da política local, onde a representação feminina até hoje é escassa. Ela estava presente onde mulheres não eram comuns ou bem-vindas. Foi professora tanto da rede pública e da rede privada por mais de 30 anos e atuou em diversas áreas do conhecimento.

Dona Alice engravidou do namorado e teve que casar. Com isso, o marido a obrigou a parar de trabalhar, o que ela gostava muito. Enfoque na falta de liberdade das mulheres naquela época, com a maternidade. A separação também foi um processo difícil e raro para a época.

**DOCUMENTAÇÃO:** Pedir fotos e documentos para as fontes quando ocorrer a entrevista.

**FONTES:**

**DIRCE BRUNATI**

- Contato com a filha Ana Paula Moraes
- Endereço

**APARECIDA CONCEIÇÃO LOCATO**

- Contato com a filha Enilda
- Endereço

**ANA MARIA GUEDES**

- Telefone
- Endereço

**FRANCISCA ALICE DE OLIVEIRA**

- Rosana de Oliveira Hermoso - filha
- Endereço

**SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**

- Por que a senhora decidiu vir para Bauru?
- O que mudou na sua vida desde que você chegou em Bauru?
- Como é viver com mais de 80 anos?
- Como foi a sua infância e juventude?
- Quais as principais diferenças entre sítio e cidade?
- Esse envolvimento político era importante para você? Por que?
- Que tipo de música você ouve/ouvia?
- Como a senhora começou a costurar?
- Quais frutos a costura lhe rendeu? Qual trabalho a senhora mais gostou de fazer?
- A sua família te incentivou a sair para trabalhar?
- O seu marido te ajudava no trabalho?
- Quais são as funções e obrigações de uma mulher, em sua opinião?
- O que mudou para você no significado de ser mulher nesses anos?
- O que é ser mulher para você?
- De onde veio a ideia de montar uma lojinha? Como ela cresceu?
- A que proporções está hoje? No que você contribuiu para isso?
- Como foi a época que trabalhou de garçomete?
- Quais eram as divisões de trabalho entre você e seus irmãos?
- Como foi o seu acesso à educação?
- Alguém já lhe disse que não podia ou não devia fazer algo porque era mulher?
- Como decidiu entrar para a política?
- Quais eram os costumes para mulheres na década de 60?
- O movimento feminista influenciou o pensamento de quem estava à sua volta?
- Porque a vontade de estudar marcou sua infância?
- Como foi o processo de fazer duas faculdades?
- Como foi a época na diretoria de ensino de Bauru?
- Alguém já lhe disse que não podia ou não devia fazer algo porque era mulher?
- Como decidiu fazer enfermagem?
- Porque deixou a Hospital Samaritano?

- Porque seu marido te impediu de trabalhar?
- Como foi o processo de engravidar sem casar? E contar pra ele por carta?
- Como foi o processo de separação?

**SUGESTÕES DE CAPTURA DE IMAGEM:**

- Imagem no cotidiano com a família
- Costurando
- Fazendo algum lanche ou indo a uma padaria (cenas cotidianas)
- Planos detalhes
- Revirando fotos antigas
- Imagens se maquiando
- Imagens cuidando das contas
- Mexendo em livros, vendo o diploma

**OBS.: Lembrar do termo de uso de imagem assinado.**

#### 4.3.2. Pautas Especialistas

**RETRANCA:** Especialistas

**REPÓRTERES:** Karina Francisco e Marina Debrino

**FORMATO:** Entrevista

**TEMA/ HISTÓRICO/ SINOPSE:**

Larissa Pelúcio é Livre-docente na Unesp de Bauru, onde atua como professora de Antropologia. Sua especialidade são estudos de Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas.

Lídia Possas é Livre-docente em História, Relações de Gênero e Feminismos na América Latina, realizando Pós doutorado junto ao Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas e o do Instituto de Estudos de Gênero/ UFSC e junto ao "Archivo Provincial de la Memoria em Córdoba na Argentina".(Biblioteca FAPESP).

**ENFOQUE:** A ideia é que Larissa traga uma perspectiva de gênero para o documentário. Questionar como a questão feminina agrava as situações contadas no documentário e a vivência dessas mulheres.

A proposta é que Lídia contextualize com base em dados históricos a vivência feminina nos anos 50 e 70. Dessa forma, relaciona-se a história das fontes com o contexto em que elas viviam e enfatiza a importância da maneira em que elas viveram.

**DOCUMENTAÇÃO:** Imagens originais, livros de história.

**FONTES:**

- Larissa Pelúcio
- Perfil rede social
- Endereço
- Data: 02/06/2019
  
- Lídia Possas
- Telefone
- Endereço
- Data: 16/06/2019

**SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**

- Quais eram os principais desafios da mulher nesse período?
- O que era considerado feminino nessa época?
- Quais eram as tarefas da mulher antigamente?

**SUGESTÕES DE CAPTURA DE IMAGEM:**

- Imagem da entrevista
- Planos detalhes do ambiente e dos gestos de Larissa e Lídia

**OBS.: Lembrar do termo de uso de imagem assinado.**

**4.4. Cronograma de entrevistas**

<b>Data</b>	<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Local da Entrevista</b>
DOM - 04/05 - 14h	Dirce	Fonte Primária	Domicílio
DOM - 02/06 - 15h	Larissa Pelúcio	Socióloga	Domicílio
DOM - 02/06 - 10h	Conceição	Fonte Primária	Domicílio
DOM - 16/06 - 10h	Lidia Possas	Historiadora	Domicílio
SÁB - 07/09 - 14h	Alice	Fonte Primária	Domicílio
SÁB - 22/09 - 10h	Ana	Fonte Primária	Domicílio

#### 4.5. Estrutura do documentário

Antes das gravações, algumas definições de estrutura foram pensadas, pois, como cita Puccini (2009), a estrutura do filme deve ter:

- a) apresentação, na qual o tema deve ser exposto e se abordam algumas questões, além de se apresentar algo novo ou inesperado;
- b) desenvolvimento, que deve ter uma progressão cronológica ou por conflito e tratar das complicações dos problemas expostos;
- c) fim, o qual não há necessidade de ter uma resposta, conclusão.

A partir deste ponto, criou-se uma ideia de estrutura, que teria, primeiramente, uma abertura/apresentação das mulheres, contando como vieram a Bauru. Na sequência, seriam abordados as diferentes temáticas, organizadas nos tópicos casamento, profissão e trabalho, contextos e histórias de vida. As análises de especialistas perpassariam toda a discussão, em diferentes momentos, estabelecendo uma espécie de 'costura' de conteúdos.

Como já dito ao longo do item 3. Gêneros e Modos de produção, optamos pela realização de um documentário de representação social (NICHOLS, 2016), com roteiro aberto (PUCCINI, 2009; 2010) e montagem narrativa (MARTIN, 1990). Esses parâmetros determinaram a conformação do produto, desde a seleção das informações e escolha da abordagem, até a captação de imagens, definição de cortes e edição.

Após as captações, foi feita a transcrição das entrevistas. Selecionamos previamente quais partes eram mais importantes, segundo os temas escolhidos previamente e abordados nas entrevistas. A próxima etapa foi a criação do roteiro, o qual apresenta as indicações de texto (transcrito), imagem e som (disponível em anexo).

A entrevistas renderam material bruto de aproximadamente dez horas de duração, com a presença, como era de se prever, de muitas outras histórias que escapavam do escopo temático pensado inicialmente.

A edição de todo o material captado foi uma das etapas mais difíceis do processo, dada a quantidade de gravação e de informações. A primeira versão do documentário apresentava 42 minutos e demandou, mais uma vez, uma série de cortes, de maneira a garantir ritmo e coerência para a peça, ao custo da retirada de

elementos importantes das histórias das personagens. Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que

O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre a concepção e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva (PUCCINI, 2009: 15).

#### 4.6. Imagens e Som

As imagens utilizadas no documentário são, majoritariamente, provenientes de registros originais, especialmente o material de entrevista, que foi gravado *in loco*. A captação das imagens e sons foi feita utilizando duas câmeras, detalhadas no item 4.7, Equipamentos.

O plano predominante usado para captação das entrevistas foi o primeiro plano. Também foi utilizado o plano detalhe, pois a expressão da pessoa e sua personalidade poderiam ser explorados. A regra dos terços também foi obedecida para dar profundidade e perspectiva aos planos.



Imagem 3: Exemplo de primeiro plano, predominante no filme.

Porém, alguns erros foram cometidos. Algumas tomadas foram difíceis, impedindo um paralelismo das cenas porque houve dificuldade em posicionar a câmera devido ao layout das salas filmadas, a falta de técnica das produtoras e a movimentação constante das entrevistadas ao prestarem atenção em duas

entrevistadoras (uma delas sempre em movimento para captar imagens em outros ângulos).

Com Dirce Brunatti, posicionamos a cadeira no local correto onde ela deveria se direcionar, mas a entrevistada se movimentou muito e se direcionou, na maioria do tempo, à mesa que estava ao lado da câmera. Assim, o resultado final foi um plano onde a entrevistada aparece no canto, olhando para fora da imagem.

Com Aparecida Conceição o problema foi parecido, sua cadeira não estava posicionada de frente à câmera pois ela precisava de um banco para apoiar os pés, portanto ficou de perfil para a filmagem.

Na entrevista com Francisca Alice, gravada ao ar livre, tivemos a movimentação do sol como um problema. Como a entrevista durou mais de uma hora, o sol se movimentou, apresentando telas de captação em cores diferentes. É nítida também a diferença entre as câmeras utilizadas, uma estática, que gravou por mais de uma hora, e a outra onde fizemos filmagens pontuais, mais adaptadas a luz daquele momento, mostrando também uma diferença de temperatura nas imagens.

Há também uso de imagens de arquivo cedidas, com autorização, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e fotografias do acervo pessoal das entrevistadas. Essas imagens são usadas com o objetivo de ilustrar aspectos trazidos pelas narrativas, como cenários de época, registros privados etc.

O áudio das entrevistas também é um registro original, porém intercalado com trilha sonora não-original. Na captação original tivemos dificuldades com sons vindos de carros e motos na rua. O microfone era do tipo condensador, portanto o som registrado é mais sensível às ondas sonoras do ambiente, pois funciona através da energia elétrica gerada pela bateria do microfone ou pelo fio que liga-o à câmera.

Como buscamos a melhor luz natural, estávamos sempre perto de janelas ou mesmo nas varandas, o que deixou o som de rua ainda mais potente. O problema poderia ser amenizado com um microfone lapela, mas a escolha do condensador foi pela praticidade em não necessitar sincronizar o som e imagem posteriormente, na edição.

Pode-se classificar que os eventos do filme são eventos integrados (PUCCINI, 2009), nos quais a organização do documentário produz e prevê situações para que elas sejam gravadas e façam parte da narrativa.

#### **4.7. Equipamentos**

Para a elaboração de *Narrativas Femininas* foram usadas duas câmeras semi profissionais, uma Nikon D5300 e uma Canon T6. Para as entrevistas, planos detalhes e filmagens de cotidiano, foi usada uma lente 18-55mm, além do apoio de dois tripés padrões. Para a captação do som, foi utilizado um microfone Rode Video Mic, acoplado à câmera Nikon. A iluminação foi natural em todas as capturas de imagem. Para a edição das imagens e montagem do documentário, o programa utilizado foi Adobe Premiere. O processo de edição teve a colaboração de profissional radialista formado (Carolina Maris Pereira), que nos auxiliou na montagem técnica.

#### 4.8. Custos do projeto

Equipamentos de captação de imagem	R\$5.500,00
Microfone e sua bateria	R\$565, 00
Edição	R\$500,00
Transporte dentro de Bauru	R\$33,60
Transporte Bauru - Pederneiras	R\$17,00
Transporte Ribeirão Preto - Bauru (8 Viagens total)	R\$ 607,20
Transporte Botucatu - Bauru (8 Viagens total)	R\$320,00
Impressão pautas, termos de uso e relatório	R\$54,75
TOTAL	R\$7597,55

#### 4.9. Cronograma de Execução - 2019

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X						
Reuniões com Orientador	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Busca de Fontes			X	X						
Elaboração relatório			X	X	X					X
Captação de entrevistas					X	X	X	X	X	
Captação de imagens					X	X	X	X	X	
Elaboração roteiro							X	X	X	
Edição documentário									X	X

## 5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

### 5.1. Público-alvo

O público-alvo a ser alcançado é o mesmo do blog 50emails, da jornalista Maya Santana, criado em 2010, que ela mesma descreve como um blog que tem a: “preocupação de oferecer informações de qualidade e compor um ambiente de reflexão sobre o impacto do tempo nas nossas vidas.”

Assim, definimos nosso público-alvo a partir de sua leitoras, que tem o perfil das mulheres nascidas em 1960. Geração esta que intercala a geração atual e a abordada no documentário *Narrativas Femininas*.

O público alvo é formado por mulheres que estão com carreira e família bem constituídas e tiveram sua época de estudos concomitante à época de ditadura militar (1964-1985), além de verem prosperar o movimento feminista.

Como um filme feito por jovens de 20 e poucos anos com senhoras de 70, 80 e 90 anos, tem-se a geração de 50 anos entre esses dois públicos.

### 5.2. Trilha Sonora

Através de referências de documentários assistidos anteriormente sobre o mesmo tema, como “*Feministas: o que elas estavam pensando?*” (2018), da Netflix, e “*E a Mulher Criou Hollywood*” (2016), da Wichita Films, buscamos músicas no banco

gratuito Epidemic Sound que combinassem com o documentário em ritmo e estilo, trazendo emoção, sensibilidade e, principalmente, que remetesse a memórias, pois é com elas que trabalhamos. Escolhemos uma trilha sonora doce aos ouvidos, mas, ao mesmo tempo, estimulante, para que as histórias contadas tenham um encanto ainda maior. As trilhas são: We Carry On, de Yonder Dale; Slow Silk Lullaby, de Lama House; Realization, de Valter Nowak; Dream of Memories, de Cody Butler; The Longest Journey, de Rand Aldo; Homeward, de Trevor Kowalski; e Against a Paler Sun, de Hushed.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do documentário era recuperar e dar visibilidade às histórias de mulheres que viveram um período de transformações e que não aceitaram os papéis sociais impostos a elas. Buscamos mostrar como mulheres de uma outra época sempre fizeram seus enfrentamentos cotidianos diante das dificuldades e, com isso, abriram portas para que outras mulheres também se sentissem no direito de não se conformar com o que lhes era imposto. Conforme explica Lidia Possas (2019),

Essa Dona Dirce, Dona Conceição, elas vieram pra Bauru e começaram a ver que as outras mulheres estavam fazendo a mesma coisa e porque não elas? Com os dotes que elas tinham? Porque elas não tinham um diploma, então elas tinham que usar o que? As prendas domésticas, seja costura, seja tecido, armarinho, agulha, botão, entende? Conversar, quem frequenta armarinho? Mulheres. Marido não interferia. Então, percebam que é um mundo feminino que está se dando. Não é? É um mundo feminino que tá se dando. E é claro que esse mundo feminino é diferenciado.

Acreditamos que os objetivos do projeto foram alcançados. As entrevistadas puderam contar suas histórias com singularidade, emoção e alegria. A ideia era que cada espectador pudesse ver um pouco de suas avós em nossas entrevistadas e as admirasse com o mesmo carinho que nós, que pudemos conhecê-las pessoalmente.

Além disso, outro objetivo do trabalho era aprofundar os conhecimentos em audiovisual, por meio da produção através da prática do documentário. Apesar das dificuldades, acreditamos que conseguimos aprofundar esse saber. Nem todos os aspectos do documentário saíram da forma como imaginamos, mas os erros também

foram parte do aprendizado. Acreditamos que, com a ajuda das entrevistadas e com a nossa dedicação, foi possível entregar um trabalho com qualidade e emoção, o qual reflete as histórias emocionantes e as mulheres fortes que tivemos a oportunidade de conhecer.

A maior dificuldade em construir um documentário é a responsabilidade ao contar a história de outra pessoa, alguém que confia sua palavra a uma edição e descreve sua vida com memórias carinhosas e dolorosas. O que fazer com este material? Como mostrar com sensibilidade e critérios jornalísticos o que a pessoa lhe confidenciou? Deixar o entrevistado à vontade frente a uma câmera não é tarefa fácil e captar todos os sentimentos na lente da câmera também não.

Não só a responsabilidade em contar uma boa história, como também a escolha de produzir um material audiovisual complexo, foram desafiadoras. Eram muitos processos que precisavam ser aprendidos e que exigiram muito estudo e análise de como seriam feitos. A teoria colaborou para sabermos como fazer, mas muitos desses processos foram de fato aprendidos na prática. Apesar da dificuldade, acreditamos que conseguimos aprender muito sobre tudo o que envolve produzir um documentário e cumprimos nossos objetivos. Nada como ir a campo e colocar em prática o que se viu nos livros e, por isso, optamos por apresentar um Projeto Experimental.

Captar imagens pensando em planos, cores, sequências, trilha sonora, roteiro. Incorporar todos os elementos em uma narrativa emocionante e que tenha protagonismo não é simples, mas o resultado é gratificante. Sabemos que fizemos um trabalho com a função jornalística de contar histórias não divulgadas e, muito menos, difundidas. Histórias dentro de um outro contexto, um outro momento da sociedade em que a mulher não tinha espaço e nem voz. Hoje vemos mudanças, e esperamos ter contribuído para que elas continuem.

A intenção inicial era usar a metodologia de entrevista da História Oral, que nada mais é do que o “deixar falar”. Nos encantamos com a metodologia e julgamos a mais adequada para a captação de entrevista. O processo realmente rendeu um conforto para que as entrevistadas se expusessem. Mas, no momento de edição, percebemos que o método não é o mais adequado para um produto de tal tamanho, foram precisos muitos cortes e edição para encaixar nas propostas de tamanho do Projeto Experimental e a linha de raciocínio que queríamos traçar foi danificada pelo tempo total que deveria ter o projeto, segundo as normas.

Uma perspectiva que tiramos dessa experiência é tentar fazer um vídeo de 20 minutos para cada personagem, onde elas seriam exploradas em profundidade.

As experiências adquiridas foram fundamentais para entendermos a função do jornalista na sociedade e todo o cuidado que devemos ter ao lidar com pessoas todos os dias. A profissão exige muito mais do que técnica, exige humanidade e respeito cidadão.

## 7. REFERÊNCIAS

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. **A Reversão do Hiato de Gênero na Educação Brasileira no Século XX**. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografia e biógrafos - Jornalismo sobre personagens**. Brasil, Editora Summus, 1ª edição, 2002.

\_\_\_\_\_. **Perfis e como escrevê-los**. Brasil, Editora Summus, 1ª edição, 2003.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. São Paulo, Summus, 4ª edição, 2000.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, editora Atlas, 2ª edição, 2006.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Brasil, Editora Objetiva, 1ª edição, 1995.

LANE, Hérica. **O personagem em destaque**. Set, 2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>, acessado em 3 de julho de 2019.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo, Editora Summus, 2012.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. 2002, Tese (Doutorado) - ECA/USP, São Paulo.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível**. Editora Ática S.A, Série Princípios. São Paulo, 1986.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola. 5ª edição, fevereiro, 2005.

MELO, C. . **O documentário como gênero audiovisual.** *Comunicação & Informação*, 5(1/2), 25-40, 2013.

MELO, José Marques de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** São Paulo, Editora, Papyrus, 6ª edição, 2016.

POSSAS, Lidia. **Entrevista concedida a Karina Francisco e Marina Debrino.** Bauru, 16 jun. 2019.

PUCCINI, Sérgio. **Considerações sobre o roteiro de documentário.**R. Cient./FAP, Curitiba, v.6, p.41- 54, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao roteiro de documentário.** Doc On-line, n.06, Agosto 2009, [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt), pp. 173-190.

\_\_\_\_\_. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção.**– Campinas, SP: [s.n.], 2007.

QUERINO, L. C. S.; DOMINGUES, M. D. S. ; LUZ, R.C. **A Evolução da Mulher do Mercado de Trabalho.** E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2238-8605, Ano 2, número 2, agosto de 2013. <http://e-faceq.blogspot.com.br/>

SARTI, Cynthia. **Feminismo no Brasil: uma trajetória particular.** Cad. Pesq., São Paulo (64): 38-47, fev. 1988.

SCHMITZ, Antônio Aldo. **Classificação das fontes de notícias.** Florianópolis, 2011. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=1938](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1938) Acesso em 25/06/2018

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** Summus Editorial, 6ª edição, 1986.

ZELDIN, Theodore. **História Íntima da Humanidade.**Lisboa: Teorema. 1997.

## 8. ANEXOS

Anexo 1. Termos de Uso de Imagem

Anexo 2. Termo de Autorização IBGE

Anexo 3. Roteiro Final

Anexo 1.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Bauriv, 07 de Setembro de 2019.

Francisca Alice de Oliveira  
Assinatura

[Assinatura]

Assinatura Testemunha

NOME: Francisca Alice de Oliveira  
RG: 17.806.338-1 CPF: 141.304.108-65  
ENDEREÇO: Rua: Duque de Caxias, N-508  
CIDADE: Redenção ESTADO: S.P.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Bauru, 21 de setembro de 2019.

*Alquedes*

Assinatura

Assinatura Testemunha


NOME: Ana Maria de Carvalho Quedes  
RG: 4182398 CPF: 26997258891  
ENDEREÇO: Rua Machado de Assis, 16-45  
CIDADE: Bauru ESTADO: São Paulo

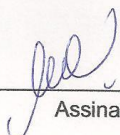
## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Rauim, 02 de junho de 2019

  
Assinatura

  
Assinatura Testemunha

NOME: Apparecida da Conceição Araújo  
RG: 3.820.712-6 CPF: 314058968-84  
ENDEREÇO: av. A. J. P. J. A. 14-100 lote. N-16  
CIDADE: Rauim ESTADO: SP

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Bauru, 5 de Maio de 2019.

Dirce Marcusso Brunatti  
Assinatura

Dirce Brunatti  
Assinatura Testemunha

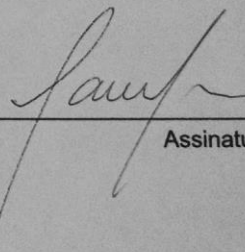
NOME: Dirce Marcusso Brunatti  
RG: 9061382-X CPF: 170 273 398-03  
ENDEREÇO: RUA Fernando Costa, 2-24  
CIDADE: Bauru ESTADO: SP

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Bauru, 02 de junho de 2017.



Assinatura

Assinatura Testemunha

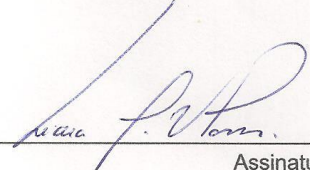
NOME: Larissa Maria Belucio Silva  
RG: 13.893.317-0 CPF: 259.936.712-49  
ENDEREÇO: Rua Guilherme de Almeida, 4-20 apto. 102  
CIDADE: Bauru-SP ESTADO: SP

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste documento autorizo o uso de minha imagem e voz nas entrevistas fornecidas, para fins de divulgação do documentário definitivo e gratuito elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Marques Debrino e Karina Juliana Francisco para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Declaro que concordo com as edições feitas pelas entrevistadoras sobre o modo de apresentação de minha imagem e voz. Elas poderão ser exibidas na apresentação audiovisual, parcial ou total, no meio digital e em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas, nacionais e internacionais.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos ao uso de minha imagem e voz neste documentário.

Bauri, 16 de junho de 2019.

  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura Testemunha

NOME: Lidia M. V. Possas  
RG: 8592 249-3 CPF: 959 633 248-15  
ENDEREÇO: Av. W. S. Fabiano 5-125 apt 81  
CIDADE: Bauri ESTADO: SP

## Anexo 2.



### TERMO DE CESSAO DE DIREITOS DE USO DE FOTOGRAFIAS PARA TERCEIROS

**CEDENTE:** FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, instituída nos termos do Decreto-Lei nº 161, de 13 de fevereiro de 1967, com duração indeterminada, com sede na Avenida Franklin Roosevelt, nº 166, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), CEP: 20.021-120, inscrita no CNPJ sob o nº 33.787.094/0001-40, regida pela Lei nº 5.878, de 11 de maio de 1973 e representada na forma do Estatuto da Fundação, aprovado pelo Decreto nº 4.740, de 13 de junho de 2003 e demais dispositivos que lhe sejam aplicáveis.

**CESSIONARIO:** MARINA MARQUES DEBRINO, brasileira, solteira, estudante, Carteira de identidade nº 45.803.104-5, emitida por SSP/SP, CPF nº 442.406.478-60, residente e domiciliado(a) na Rua Bernardino de Campos, 716, apt. 134, Centro, Ribeirão Preto – SP, CEP: 14015-130.

1 – O CEDENTE, neste ato, cede gratuitamente, a CESSIONARIA, o direito de utilizar única e exclusivamente a(s) fotografia(s) pertencentes ao Acervo do IBGE identificadas sob o nº(s) de registro(s) 19291, 20181, 45845, 45847, 45848, 45852, 45864, 45867, 45873, 45876, 45876, 45850 e 45849, no documentário Narrativas Femininas, que está sendo elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso por duas alunas regularmente matriculadas do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Karina Juliana Francisco (RA: 151033651) e Marina Marques Debrino (RA:151031207) e traz perfis de mulheres que viveram um período de intensas transformações sociais, culturais, políticas e comportamentais na região de Bauru, interior de São Paulo.

2 – Fica desde já ajustado entre as partes que o CESSIONARIO deverá inserir o seguinte crédito, legível e com destaque:

#### ACERVO IBGE

3 – Fica desde já ajustado entre as partes que o CESSIONARIO deverá inserir o crédito do fotógrafo, quando houver.

4 – É vedado o empréstimo, a locação, a cessão, a transferência temporária, cópia ou comercialização, parcial ou integral da(s) fotografia(s).

5 – A(s) fotografia(s) são de exclusiva propriedade do IBGE, sendo obra protegida pelo direito autoral brasileiro, nos termos da Lei nº 9.610 de 12 de fevereiro de 1998, regulamentação dela decorrente e por tratados internacionais.

6 – Elegem as partes o Foro da Cidade do Rio de Janeiro como o competente para dirimir quaisquer questões oriundas da presente cessão.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2019.

**CEDENTE**  
Gerlane da Rocha Bragança  
IBGE-CDDI-GEBI  
Siap: 298384

Anexo 3.

ROTEIRO TCC - DOCUMENTÁRIO

27 minutos

PARTE 1 – ORIGENS

NOME	IMAGEM	VÍDEO E TEMPO	TEXTO
--	IMAGEM PANORÂMICA RECENTE DE BAURU [TRILHA SONORA]	MVI_1218.MOV - LÍDIA	NARRATIVAS FEMININAS
DIRCE	[OFF] Imagem da cidade panorâmica	MVI_1222.MOV ÁUDIO DIRCE 01:05 - 01:19	Olha, quando eu vim pra Bauru, meu marido ainda tava fazendo faculdade porque na nossa cidade não tinha faculdade, nem colegial tinha.
	ENTREVISTA GC Dirce Narcusso Brunatti, 85 anos .....	_DSC0023 01:19 -- 01:35	É uma cidade muito pequena sabe, então foi difícil pra gente estudar. Depois, os meus irmãos mais novos, já foi ficando mais fácil porque ali numa cidade que era distrito,
	[OFF] MVI_1113 - DIRCE Os filhos vendo as fotos (Plano americano)	_DSC0023 01:36 -01:58	um senhor chamado Jacinto Carnetto, começou a trabalhar "pra passa município". Então, foi assim... uma benção, porque nós não tinha nem bem água, porque era poço sabe.
	[OFF] MVI_1120	_DSC0023 03:54 - 04:00	<b>K: Como era o nome?</b> DD: Agora é Lucianópolis o nome dessa cidade que eu morava. Melhorou um pouco, mas é uma cidade pequena. Ai o meu marido começou a trabalhar lá
	ENTREVISTA	_DSC0023 04:10 -04:33	Só que a gente ainda era solteiro, no posto de saúde. Ele começou a trabalhar lá. Trabalhou uns tempo e foi transferido aqui pra Bauru. Ai começamos a namorar. Namoramos 3 anos, casamos e eu vim para Bauru.
CONCEIÇÃO	ENTREVISTA GC Aparecida da Conceição Locato, 90 anos .....	_DSC0002 01:04 - 01:24	Eu trabalhava muito na roça, depois eu fui pra doméstica, de doméstica eu fui pra um barzinho e ganhei uma gorjeta de um candidato que era de política né.
	[OFF] _DSC0008 (ela ao lado de uma foto quando jovem)	_DSC0002 01:25- 01:39	Ganhei uma gorjeta de 500 reais e fui Miss Simpatia do lugar. E ganhei uma

			pulseira de ouro que eu vendi para comprar uma máquina de costura.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 01:40 - corte - 02:05</b>	Aí eu fiz o corte e costura e comecei a costurar e depois meu irmão veio pra Bauru e eu vim com ele. Ai eu fui pedir emprego numa família japonesa [CORTE] e aí eu fiquei trabalhando 3 anos lá.
LÍDIA	ENTREVISTA GC Lídia Possas, Historiadora e Feminista.....	<b>_DSC0002 03:23 - 03:37</b>	interessante que vocês pegam um período histórico de 50 a 70, que é um período, no Brasil, em termos históricos, é um momento de grande repercussão pro país,
	[OFF] FOTO e GC ACERVO IBGE	<b>_DSC0002 03:38 - 4:00</b>	de formação do mercado interno, das rodovias, amplia-se o Brasil, é a época que é o fim do governo da ditadura de Vargas né, em 46, e a ascensão de governos democráticos. E ai o Brasil, vem JK, com o famoso 50 anos em 5. Desenvolvimento, desenvolvimentismo, a vida urbana.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 04:01 - 4:11</b>	Então, e essas mulheres são todas do mundo rural. Com esse momento elas vão pra cidade, porque nesse momento a cidade tava pulsando em que? Novos empregos, novas oportunidades, cursos.
ALICE	ENTREVISTA GC Francisca Alice de Oliveira, 73 anos .....	<b>_DSC001 00:16- 00:33</b>	<b>M: A senhora é de Pederneiras mesmo?</b> A: Não, sou cearense. Do Ceará filha. Eu vim com 4 anos e meio de lá. Pequeninha, e praticamente me criei em São Paulo mas ainda trago sotaque de nortista, do Ceará. E com muita honra ainda.
	[OFF] FOTO ALICE 2	<b>_DSC0001 10:04 - 10:22</b>	<b>K: Lá no Ceará a senhora não morava no sítio?</b> A: Lá no Ceará? Morava. Morava também, depois que eu sai do sítio, era pequeninha, a gente foi morar num povoadozinho, um povoado do Ceará lá, chamava Assunção, só que não era do Paraguai. Era do Ceará.
LÍDIA	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 05:47 - 05:52</b>	Bauru era uma cidade que a partir do anos 50, 60, era uma cidade cosmopolita:
	[OFF] FOTO 45851 GC: ACERVO IBGE	<b>_DSC0002 05:53 - 05:58</b>	3 ferrovias vieram pra cá, era entroncamento ferroviário para o interior do país.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0003 12:10 - 12:29</b>	Bauru tava pulsando gente, de muita gente. Mas muita gente o que? Forasteira. Gente que passa, que circula. Parte que vem pra vender, era onde tinha dinheiro gente. Fazenda

			Sabrino, cidade pequena. Então vocês imaginam o fluxo de gente que vinha pelos trens.
	[OFF] FOTO 20182 E 19343 GC: ACERVO IBGE	<b>_DSC0002 12:30 - 12:36</b>	Parava em SP, três ferrovias: Sorocabana, Paulista e a Noroeste que partia daqui para o interior.
<b>ANA</b>	ENTREVISTA GC Ana Maria de Carvalho Guedes, 71 anos.....	<b>_DSC0002 00:12 -00:27</b>	A: Eu nasci no dia 10/11/1947, na cidade de Tupã. Sou a terceira filha de Maria Aparecida e Luziano Teixeira de Carvalho.
	[OFF] MVI_1273 e 1274	<b>_DSC0002 01:05 - 01:16</b>	Antes de eu completar 5 anos, meu pai prestou um concurso na Noroeste do Brasil e por esse motivo viemos morar em Bauru.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 01:17 - 01: 32</b>	Isso foi em 1953. A partir daí, eu me fixei aqui assim como meus irmãos.

## PARTE 2 - Casamento

<b>CONCEIÇÃO</b>	ENTREVISTA + MVI_1147 (plano detalhe)	<b>_DSC0002 02:15 - 02:53</b>	Eu pedia tanto uma casa de madeira, pra mim trazer a minha família, que meus pais eram doentes, tinha bastante irmão, então eu pedia a Deus pra uma casa de madeira. Aí eu arrumei, com as gorjeta, eu comprei a lojinha. Comprei a lojinha e foi bem graças a Deus, foi uma maravilha. Ai depois eu comprei a casa de madeira. Na Rua Floresta, eu queria na Rua Floresta. Ai eu comprei a casa de madeira e trouxe a minha família.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 03:18 - 03:46</b>	Numa compra que eu fui fazer pra loja, e fiquei conhecendo o meu marido. Aí começamo a namorar, casamo, temo um casal de filho que é uma benção e depois meu marido veio abrir uma lojinha outra vez. Aí essa lojinha foi muito bem graças a Deus e ai partiu pra uma loja de móveis.
<b>LÍDIA</b>	[OFF] MVI_1116.MOV DIRCE imagens dos casamentos que a dona dirce fez vestido	<b>_DSC- 0005.MO V 00:18 - 00:28 CORTE 00:46 - 00:56</b>	(EMBAÇADO) Eram mulheres que, dependendo da classe social que viviam, eram mulheres educadas para serem esposas, para serem mulheres prendadas. <b>CORTE</b> Porque as mulheres casavam muito cedo né, tinham praticamente 18, 19 anos, casavam e o sonho era o casamento, vestido de noiva, marido. (EMBAÇADO)

DIRCE	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> 04:33 - 04:40	<b>K: Com quantos anos a senhora casou?</b> DD: Eu tinha mais de 30.
	[OFF] MVI_1122.MOV DIRCE 00:00 - 00:10 Dirce entrando no quarto de costura e vendo os vestidos	<b>-DSC0023</b> 04:50 - 05:10 <b>CORTE</b> 05:52	<b>K: Porque a senhora não casou antes?</b> DD: Porque eu não quis (risos). É verdade. Eu não queria ficar lá. Eu queria sair de lá, ir para uma cidade grande, ter uma loja linda, fazer vestido de noiva. <b>[CORTE]</b> E você acredita,
ALICE	ENTREVISTA	<b>_DSC0001</b> 00:09 - 00:15	É, comecei a namorar bastante. Namorei muito. Bastante
	ENTREVISTA	<b>_DSC0001</b> 08:15 - 08:36	<b>K: Como que era naquela época namorar?</b> A: Ah, antes não era que nem agora né, antes era bem diferente né. E dá a mão, beijar também não, era aqui (bochecha), se beijava assim (boca) era escondido dos pais, eles não aceitavam. Completamente diferente.
	[OFF] foto casamento MVI_1249	<b>_DSC0001</b> 06:06 - 06:23	<b>K: E a senhora engravidou antes de vocês casarem ou não?</b> A: Sim <b>K: Como que foi essa época?</b> A: Aí, a Rosana minha. Eu fui casar de noiva mas já tava grávida. Fui casar de noiva, na igreja, antigamente
	ENTREVISTA	<b>_DSC0001</b> 06:57 - 07:23	<b>K: O que o seu pai disse na época?</b> A: Ah, ele ficou bravo né. Mas ai nós conversamos, meu pai era muito bom, minha mãe. Há tempos atrás era difícil ter diálogo, conversar né. A maioria batia, mas ele não, ele sempre foi bom.
	[OFF]FOTO ALICE 3	<b>_DSC0001</b> 06:57 - 07:23	Conversou comigo, ai chamou ele também. Eu já tava noiva. Aí combinamos e casamos
CONCEIÇÃO	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> 15:05 - 15:31	<b>M: Com quantos anos a senhora se casou?</b> DC: 30 (risos) <b>M: Porque a senhora demorou para casar?</b> DC: Eu escolhi um pouco. Eu não queria assim, no sítio. Eu não queria assim com um homem do sítio e depois ficar trabalhando na roça, então eu preferia escolher um pouco.
DIRCE	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> 06:10 - 06:42	Aí um dia ele apareceu lá em casa e falou: “Ô Dirce, como que tá as coisa por ai?” Porque ele já morava aqui e tudo né. Eu falei: “a mesma coisa. É aquele jardim, o clube... e não passa disso”. Aí ele me falou assim: “Vamo passeia um pouco, vamo passeia lá no

			jardim? Lembrar os velhos tempos”. Eu peguei, me arrumei, sai com ele e acabamo namorando (risos).
<b>CONCEIÇÃO</b>	ENTREVISTA + MVI_1149 (tem o início da fala mas está muito tremido)	<b>_DSC0002</b> 10:43 - 11:14	Ah, eu fui comprar uma...tinha a lojinha lá em SP também, e fui comprar a mercadoria pra lojinha. Um tecido que tava na moda de relógio, sabe? E ai fui comprar esse tecido mas eu tinha outro namorado até [CORTE] E ai ele falou: “Posso levar os pacotes com você?”
	[OFF] MVI_1140 (fotos com óculos)	<b>_DSC0002</b> 11:15 - 11:25	Era um mocinho bonito, ai eu falei “pode”. Ai começamo a namorar e ele falou: “Pode largar do seu namorado que eu caso com você”
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> 11:26 - 11:30 - <b>CORTE</b> - 11:39 - 11:45	E foi de palavra, trabalhava na loja, vendedor de tecido. <b>[CORTE]</b> Ai eu fiquei devendo 20 reais na loja e ele cobrou e eu falei: “Esse é bom porque é econômico.

### PARTE 3 - TRABALHO

<b>ALICE</b>	ENTREVISTA	<b>_DCS 0001</b> 11:21 - 11:29	<b>K: Com quantos anos a senhora começou a trabalhar?</b> A: 13 anos! E só vou parar de trabalhar quando eu morrer. Até agora eu trabalho (risos)
	ENTREVISTA FOTO JOVEM MVI_1239	<b>_DSC0001</b> 11:48 - 12:09	Aí depois eu trabalhei um monte de balconista, nas lojas de SP, trabalhei também numa fábrica de tecidos. Ai o que eu trabalhava mais era loja, balconista. Aí depois que eu fiz 18 anos fui parar no hospital que era o que eu mais gostava. Aí fiz o curso de enfermagem e
	[OFF] FOTO ALICE 1	<b>_DSC0001</b> 12:10 - 12:16	continuei no hospital lá Samaritano. Saí quando eu casei e tive a minha mais velha que é a Rosana.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0001</b> 12:17 - 12:28	Por causa do marido que era machista, mandou eu parar de trabalhar. Aí só trabalhava em casa ai quando separei dele. Aí comecei ó. Graças a Deus.
<b>ANA</b>	ENTREVISTA GC NOVAMENTE	<b>_DSC 0002</b> 18:43 - 18:57	Era o que eu queria. Mas essa decisão eu tomei com 11 anos de idade, quando eu comecei a ter aula de inglês com a irmã Elvira Milani.

	[OFF] foto ANA FAMÍLIA	<b>_DSC0002</b> <b>19:44-</b> <b>20:11</b>	Meu pai era o maior incentivo da vida dele era o estudo. Ele foi o único filho de, acho que 8 irmãos que, como ele era o mais velho, ele não, ele teve chance de estudar mas como era o mais velho teve muitos encargos e por motivos que eu não conheço todos ele não estudou.
	ENTREVISTA + [OFF] MVI_1264, 1263 e 1261 ANA	<b>_DSC0002</b> <b>20:37 -</b> <b>21:12</b>	Então eu contei com o apoio dele e da minha mãe até mais dele porque a minha mãe na época dela mulher, o máximo que fazia era o primário. Depois elas já iam conduzidas pro trabalho doméstico. Costura, bordado, minha mãe foi costureira durante muito tempo. Os pais conduziam, as mães, pra esse tipo de trabalho doméstico e artesanal.
	ENTREVISTA + [OFF] MVI_1271 (quadro de uma reportagem da Ana)	<b>_DSC 0002</b> <b>21:28 -</b> <b>21:49</b>	A questão de faculdade não era assim uma rotina ainda para as mulheres. Em Bauru haviam duas faculdades na minha época de que me lembro bem. A ITE, ou você fazia direito, ou fazia filosofia.
<b>LÍDIA</b>	ENTREVISTA GC NOVAMENTE	<b>DSC_0005</b> <b>.MOV</b> <b>29:48 -</b> <b>final do</b> <b>vídeo</b>	eram mulheres do seu tempo que nunca aceitaram os papéis, é isso que é importante ressaltar, que elas não aceitaram os papéis das avós delas, das mães
	[OFF] flashes dos rostos das personagens em diferentes angulos (planos detlahes) CONCEIÇÃO DSC_0004, ALICE MVI_1248, ANA MVI_1278, DIRCE MVI_1118	<b>_DSC0006</b> <b>.MOV</b> <b>00:07 -</b> <b>00:13</b>	Mas o que que tem de diferente nelas? Elas foram procurar alternativas de vida, a partir delas.
<b>CONCEIÇÃO</b>	ENTREVISTA GC NOVAMENTE	<b>_DSC0003</b> <b>14:12 -</b> <b>14:32</b>	Ah, a japonesa falou pra mim: “Serve garçom?” Eu falei: “Ihhh, ótimo!” Nem sabia o que era garçom. Nem sabia, falei “ah,ótimo” Eu queria trabalhar com qualquer coisa né, garçom. Eu precisava trabalhar, nossa.
<b>DIRCE</b>	ENTREVISTA GC NOVAMENTE	<b>_DSC0023</b> <b>06:48 -</b> <b>07:13</b>	Ah, eu já era professora de corte e costura né. Eu costurava lá, eu já fazia os vestidos que vcs viram, eu bordava, eu dava aula...mas lá a gente só fazia, como diz, pra comer. Porque o lugar era pequeno e as poucas coisas que eu fazia ainda vinha de gente de fora porque ali era muito pouco.

	[OFF] MVI. 1127 E 1122 DIRCE Vestidos de noiva que fez, ela rabalhando na máquina	<b>_DSC0023</b> <b>07:16 -</b> <b>07:44</b>	Aí eu vim, mas não era conhecida. Pra eu ter freguesia eu precisava ficar conhecida né. Ai uma vizinha minha viu umas coisas que andei fazendo, teve gente de lá que veio pra cá pra fazer coisa comigo porque tava acostumado, sabe. Ai ela falou: “Ah, vou falar pras minhas parentes, elas são ricas, vc vai começar a já ter freguesia”
	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> <b>07:45 -</b> <b>08:13</b>	E aí foi.. elas gostaram sabe. E ai um via, outro via e começou a chegar. Aí depois também veio as crianças né (risos). E ai eu fiquei meia assim sem incentivo de continuar e começar a fazer vestido de noiva que era o que eu queria.
<b>ANA</b>	[OFF] mvi_1265 e 1266 ANA	<b>_DSC0002</b> <b>- 01:45 -</b> <b>02:09</b>	Bom, eu estudei, fiz o primário, vou usar a nomenclatura do meu tempo, o primário em escola pública, era um barracão ao lado da Igreja São Benedito. Então, estudei ali até o terceiro ano.
	[OFF] Imagens das escolas antigamente em Bauru	<b>_DSC0002</b> <b>- 02:10 -</b> <b>02:33</b>	No meio do terceiro ano foi inaugurada a escola Luis Castanho de Almeida, na Campo Sales, próximo à ITE. Então aí eu terminei, conclui o primário no Luis Castanho de Almeida.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> <b>02:36 -</b> <b>02:56</b>	Em 1960 eu fui estudar no Colégio São José, escola em que eu fiz, conclui todo o meu estudo de primeiro e segundo graus. E a partir daí, FAFIL Bauru!
<b>CONCEIÇÃO</b>	[OFF] PLANO DETALHE MVI_1173 - usar a parte que não está tremida	<b>_DSC0002</b> <b>06:55 -</b> <b>07:03</b>	Engraçado quando foi pra abrir móveis. Que eu tinha a lojinha e achei que não dava muito a lojinha.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> <b>07:15 -</b> <b>08:01</b>	Ai eu falei “Ai meu Deus, dá ai uma benção pra mim, pra arrumar a minha vida, tá difícil. Aí passei numa casa de móveis. Primeira casa de móveis que eu entrei, falei assim: “O senhor não me dá condição pra vender esses móveis?” Ele falou “Dou”, eu falei “quanto eu ganho?”, ele falou: “2 reais”, aquele tempo acho que não era, era cruzeiro, não sei. (pessoas falando junto) Ai eu falei, se eu comprar um, o senhor não me vende? Ai ele falou: “15 reais”, se eu comprasse, então ai o lucro já era 15. Ai falei: “O senhor me vende pra pagar daqui 15 dias?”
<b>CONCEIÇÃO</b>	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> <b>08:03 -</b> <b>08:45</b>	DC: Eu não tinha dinheiro. Ai ele falou: “Vendo”. Olha que benção, cheguei na minha vizinha, já cheguei: “ai, eu estou vendendo móveis, não sei o que e ela falou: “E o que eu faço com os meus móveis?” “Ah, eu já pego de entrada” eu falei. Ai eu pego de entrada

			e nossa, foi uma beleza. <b>[CORTE]</b> Mas ai depois nossa, como vendia móveis. Fazia fila.
	ENTREVISTA	<b>DSC_0002</b> <b>.MOV</b> <b>09:37 - -</b> <b>09:47</b>	Ai eu não comprei só uma casa de madeira lá na Rua Floresta, comprei 1 quarteirão. Cheguei e comprei um quarteirão de casa.
<b>ANA</b>	[OFF] FOTO ANA 1 E ANA 2	<b>_DSC0002</b> <b>05:05 -</b> <b>05:29</b>	E em 1969, quando eu estava no terceiro ano de faculdade
	ENTREVISTA	<b>_MVI_1280</b> <b>57s - outro</b> <b>plano</b> <b>00:00 -</b> <b>00:40</b>	eu fui trabalhar em Pirajuí, <b>[CORTE]</b> . Durante dois anos como estudante eu também trabalhei em Pirajuí. Então foi uma experiência que marcou muito a minha vida. E ai eu percebi o quanto eu gostava e ainda gosto da docência, certo? Aí e trabalhei em várias escolas públicas e também particulares.
	[OFF] MVI_1270 , 1269	<b>_DSC0002</b> <b>06:00 -</b> <b>06:24</b>	Trabalhei durante 13 anos. Um tempo aqui na Rodrigues Alves e depois transferida para a USC. Então foram treze anos nessa escola: Colégio São José. E muitas outras escolas públicas.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> <b>06:25 -</b> <b>06:45</b>	Em 1985 eu dei aula no CTI. Em 85. E foi a escola em que me aposentei em 1995. CTI Unesp Bauru.

#### PARTE 4 - ESTUDO

<b>ALICE</b>	ENTREVISTA GC NOVAMENTE	<b>_DSC0001</b> <b>02:19 -</b> <b>CORTE -</b> <b>02:53</b> <b>PLANO</b> <b>DETALHE</b> <b>MVI_1247</b> <b>ALICE</b>	Então quando eu vi ele com a outra, eu separei dele. <b>[CORTE]</b> Aí separamos. Minha caçula tinha 16 anos quando aconteceu isso. E pra mim foi bom, porque ele era machista. Não queria que eu trabalhasse. Trabalhava muito em casa né. Aí quando eu separei eu comecei a fazer particular enfermagem.
	[OFF] PLANO DETALHE MVI_1246	<b>_DSC0001</b> <b>02:54 - 03:</b> <b>32</b>	Porque eu estudei lá em SP enfermagem, auxiliar de enfermagem e trabalhei no Hospital Samaritano.Na Higienópolis. Um hospital ótimo, particular. Trabalhei quase 14 anos naquele hospital. <b>[CORTE]</b> Aí tive a mais velha minha, que é a Rosana. Ela nasceu lá no Samaritano. Quando eu tive ela, eu sai. O marido quis

			que eu saísse, machista. Não voltei a trabalhar mais, trabalhava em casa, bastante. Depois que eu separei ficou ótimo, comecei a trabalhar.
	[OFF] FOTO DOS FILHOS MVI_1241	<b>_DSC0001</b> 28:15 - 28:24	<b>K: Sentia falta de trabalhar?</b> A: Ô se sentia. Eu amava lá o hospital onde trabalhei. Gostava muito. Tinha que trabalhar fazer só as tarefas de casa.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0001</b> 28:32 - 28:49	Agora eu vou parar só quando eu morrer, já falei. Amo trabalhar. É três coisas que a Dona Alice aqui gosta de fazer: andar, falar (falo muito, até pelos cotovelos) e trabalhar. O dia que eu não fizer essas 3 coisas, a dona Alice tá morta
<b>ANA</b>	ENTREVISTA	<b>_DSC0002</b> 25:44 - 26:01	A minha mãe até conseguiu ir trabalhar um período na noroeste. Mas o meu pai era muito ciumento, enquanto ela não saiu de lá, ele não sossegou. Era muito machismo.
<b>ALICE</b>	ENTREVISTA	<b>-DSC0001</b> 15:20 - 15:41	Machista né, esses homens de antes. Agora, por isso que eu falo, a mulherada deu a volta por cima. Agora tem mulher polícia, mulher advogada, mulher presidente, mulher governadora. Graças a Deus. Deu a volta por cima do homem. <b>K: E a senhora também.</b> A: E eu também (risos)
<b>DIRCE</b>	[OFF A PARTIR DE "EU E MEU MARIDO"] MVI_1107.MOV 00:03 - 00:17/	<b>_DSC0023</b> 08:33 - 09:05	Ai eu fui melhorando, construí uma casa, eu e meu marido, com um empréstimo, sabe. Compramos um terreno e construímos. Ai eu comecei a fazer os vestidos de noiva. Foi dando certo, dando certo, eu fui ganhando bem. Ai eu falei pro meu marido: "vou fazer outra casa!". Ai ele falou assim: " Ô Dirce, só se você jogar na loteria e ganhar!" (risos).
	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> 09:06 - 09:30	Ai falei assim pra ele: "Porque??" "Ah, ó! Ainda tamo pagando essa, vou falar que vai fazer outra casa!" (risos). Ó menina quando passou um tempo, eu fui guardando um dinheiro, e ele também melhorou, terminou a faculdade, tudo, foi guardando um pouco.
	[OFF] MVI_1107 - 00:43 - 00:52 Fotos do Casamento	<b>_DSC0023</b> 11:00 - 11:31	Ai um dia ele falou assim pra mim: "Sabe que você já tem dinheiro pra comprar um bom terreno" eu falei: "sei". Ele falou: "sabe?". Eu falei: "Sei, tanto é que já tô procurando! (risos) O pedaço do domingo que eu não trabalho eu pego jornal e fico procurando. É que você não prestou atenção" (risos)

<b>ANA</b>	ENTREVISTA	<b>_DSC0003</b> 5:28 - 05:52	<b>K: Como que era na época que a senhora fazia faculdade?</b> AM: a gente tava pensando muito ainda, é...no trabalho imediato, pensava em trabalhar. depois que começou, assim, uma consciência política mais depois dos anos 80 com o início da redemocratização.
<b>DIRCE</b>	ENTREVISTA	<b>_dsc0023</b> 26:33 - 27:02	Meu menino, tinha 4 ano, e ele um dia brincou muito nas terras de construção que tinha calçada e ficou sujo! Ai eu pus ele pra dentro e fui dar banho, sabe. <b>[CORTE]</b> . E tinha umas mulher faladeira lá que nossa. E tinha uns maior, uns menino maior, brincando também, esparramaro aquela terra no asfalto.
	[OFF] MVI_1111 - DIRCE	<b>_DSC0023</b> 27:03 - 27:08	Mas eu falei pra ele que eu deixava ele brincar ali na calçada, mas que não era pra esparrama a terra.
	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> 27:20 - 27:39	Ai, brincou, como eu disse, tomou banho. <b>[CORTE]</b> ... ai essas mulher depois foi contar pra todo mundo que quem tinha feito, esparramado aquela terra tinha sido o menino da Dona Dirce e inves foi os neto dela, sabe!
	[OFF] MVI_1111 - DIRCE	<b>_DSC0023</b> 27:40 - 27:54	E ele não gostou. Ele tinha 4 aninho. "Mãe! Ela falou mentira! A senhora fala que não pode falar mentira! Ó, ô mãe!" Porque eu falava muito:
	ENTREVISTA	<b>_DSC0023</b> 27:55 - 28:45	"Quando vcs ficar maior, quando vcs fica mocinho, vcs vão fazer faculdade, vcs tem que estudar bem, sempre estudando, estudando, pra ter notas boa, pra entrar numa faculdade. Que é difícil entrar. Então sempre conversando com eles, explicando como que é a vida né. Ai ele parou assim, que eu tava ensaboando ele. Ele falou assim: "Mãe, será que aquelas mulher, se elas fizessem uma faculdade, elas não ia melhorar?" (risos). Ai eu falei: "É mesmo né filho, ai elas iam aprender muita coisa boa né". "
<b>ANA</b>	ENTREVISTA	<b>_DSC0003</b> 05:56 - 06:21	quando a gente começou a ver, em 67, época brava, pichações contra a ditadura, eu lembro que meu professor de latim era um pai pra gente, uma das melhores pessoas que eu conheci na vida.
		<b>_DSC0003</b> 06:27 - 06:40	[...] ele quando via, assim, movimentação na cidade (porque a turma do direito era mais assim, mais ousada, era mais, mais não. era ousada)
		<b>_DSC0003</b> 07:05 - 07:40	[...] o professor de latim começou assim na classe: "minhas meninas". ele via a gente como um pai. "não se metam em política. vocês não imaginam o que está acontecendo nas masmorras deste país". eu nunca

			me esqueci dessa frase dele. ele sabia de todas as torturas, as prisões, de tudo. ele sabia. claro que ele sabia.
LÍDIA	ENTREVISTA	<b>DSC_000 3.MOV 01:13 - 01:26</b>	Quer dizer, é uma conjunta né, o mundo coletivamente mudando e as ações individuais inseridas neste contexto que vão te pressionando. E as pessoas de mais vanguarda vão assumindo
	[OFF] fotos ibge - 12186, 12194 e 12307	<b>DSC_000 3.MOV 01:48 - 02:03</b>	Por isso que a história é importante. Eu acho que a ausência da história, do conhecimento histórico, do passado recente é que leva as pessoas a desinformação, não saber da onde veio, porque veio
	ENTREVISTA	<b>DSC_000 3.MOV 02:04 - 02:18</b>	Não precisa ser uma história crítica, não precisa ser uma história contra as elites, mas... que as elites sempre dominaram, sempre tiveram os privilégios, a educação sempre foi dela, a universidade sempre foi das elites
ANA	ENTREVISTA + [OFF] ANA 3, ANA 4 E ANA 5	<b>_DSC0003 08:00 - 08:15</b>	Então ele pedia para a gente não se meter e naquela época eu não me metia. Eu tinha medo. Mas eu acho que depois foi passando e as ideias, na prática, a gente tentava lutar por um mundo mais livre, mais igualitário.
ALICE	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 06:57 - 07:10</b>	Eu tenho personalidade, eu acho que tem que ter ... e forte. Eu sou católica até morrer e sou corinthiana também. (risos) Não mudo de time (risos). Nem que ele perca!
CONCEIÇÃO	ENTREVISTA	<b>_DSC003 01:55 - 02:11</b>	A eu sonhava de ter uma vida boa, um emprego bom. E foi assim né, a vida. E agora somos felizes para sempre né (risos)
DIRCE	[OFF] MVI_1128	<b>_DSC002 54:00 - 54:19</b>	Eu aprendi que a gente tem que saber fazer as coisas, como eu já disse. Aprender a fazer as coisas e fazer com amor. Que tudo dá certo, viu. Tudo dá certo.
ALICE	ENTREVISTA	<b>_DSC0002 .MOV 02:36 - 02:58</b>	Eu não tô só, eu tô com Deus né...A gente nunca tá só, eu sei que tenho ele do meu lado, eu sinto...Eu quero uma coisa eu ponho no meu pensamento, primeiro ele, depois a saúde, dois braços para trabalhar, minha filha, o resto a gente dá um jeito né...
ANA	ENTREVISTA	<b>_DSC0003 24:14 - 24:40 [CORTE] 24:54 - 25:32</b>	É ter a liberdade de desenvolver todas as aspirações, certo? Todos os níveis. Afetivo, sexual, profissional. É você ser uma pessoa que pode fazer opções! “Eu quero isso, eu quero aquilo”. “Eu quero exercer uma função nesse mundo!”. Eu quero tudo. Eu sou meio (risos) polivalente. (risos) certo? A gente tem muitos valores e a gente tem que buscar desenvolver todos e

			alcançar! E conquistar, certo? Nós estamos aqui para caminhar e fazer conquistas e deixar para os descendentes exemplos. Eu acho que eu tô conseguindo.
--	--	--	---

## PARTE FINAL - CONCLUSÃO

<b>LARISSA</b> <b>A</b>	ENTREVISTA GC Larissa Pelúcio, Socióloga	<b>_DSC000</b> <b>1 10:52 -</b> <b>11:04</b>	Nós temos uma mudança no perfil sócio-demográfico muito interessante de mulheres onde as mulheres são mais escolarizadas no nível universitário do que homens, por exemplo.
<b>LÍDIA</b>	ENTREVISTA	<b>DSC_000</b> <b>5.MOV</b> <b>22:45 -</b> <b>22:59</b>	E mesmo assim a sociedade ela é adversa. É preconceituosa em relação às mulheres. Elas tem que mostrar competência o tempo inteiro, mostrar a que veio e não temer, ter força de fala.
	[OFF] FOTOS JOVES ALICE 2, ANA 3, MVI_1106, CONCEIÇÃO MVI_1140	<b>DSC_000</b> <b>5.MOV</b> <b>23:00 -</b> <b>23:13</b>	As mulheres tem que ter, e pra ter palavra, você tem que ter conteúdo, você tem que saber. Por isso hoje na universidade, 52% é feminina. A Unesp é uma universidade feminina.
<b>LARISSA</b> <b>A</b>	[OFF A PARTIR DE "HÁ ALGUM TEMPO"]	<b>_DSC000</b> <b>3 22:37 -</b> <b>22:40</b> <b>CORTE</b> <b>22:48 -</b> <b>23:17</b>	Então realmente a gente precisa muito discutir gênero [...] há algum tempo, mulheres que sequer sabiam o que é feminismo estão fazendo seus enfrentamentos miúdos, cotidianos e que trazem transformações. Contar essas histórias, pequenas, miúdas, que foram silenciadas, foi um passo muito importante para a construção de outros territórios de existência né
	ENTREVISTA	<b>_DSC0003</b> <b>23:33 -</b> <b>24:04</b>	Então dar a falar também é dar muitas outras possibilidades da gente pensar, da gente tirar da invisibilidade e dar protagonismo para essas mulheres que fizeram essas lutas miúdas, diárias e efetivas com suas vidas, com seus corpos e muitas vezes em contextos absolutamente hostis.
<b>LÍDIA</b>	ENTREVISTA	<b>DSC_000</b> <b>5.MOV</b> <b>12:26 - -</b> <b>12:57</b>	Agora: há uma distância entre a lei e a realidade. Então nós estamos vivendo isso. Porque? Porque há uma cultura adversa ainda, uma cultura machista, uma cultura patriarcal, uma cultura preconceituosa contra o negro, contra o pobre, quer dizer, nós já vivemos isso, nós estamos inseridos dentro disso. A gente precisa fazer um movimento constante de dizer porque eu

			penso assim? Porque eu ajo dessa forma?
--	--	--	---